

# DO CLÁSSICO AO MODERNO: O HERÓI NA TRAGÉDIA SHAKESPEARIANA E RODRIGUIANA

---

Leonardo Busato<sup>1</sup>

Rogério Tomaz<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

O herói é figura presente no imaginário social desde os tempos mais remotos. As sociedades gregas e romanas acreditavam que o herói era quase um semideus: ele deveria passar por certos ritos para cumprir seu papel de salvador. Na contemporaneidade, tem-se a representação do herói (ou super-herói) como um ser bondoso, com poderes fora do comum que visa à proteção do mundo contra perigos eminentes.

Na literatura, o herói também se diferencia das outras personagens. Ele possui um intento, ou uma paixão, que o faz sobressair-se em relação aos demais. É o caso das personagens Hamlet, da peça de mesmo nome escrita por William Shakespeare e Arandir, de *O beijo no asfalto*, do dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues.

William Shakespeare e Nelson Rodrigues são reconhecidamente grandes autores teatrais, cada qual com suas características que os fazem notáveis. O dramaturgo inglês destaca-se pelas comédias, peças históricas e tragédias que influenciaram e continuam a influenciar muitas manifestações artísticas e literárias. *Hamlet* classifica-se como tragédia. Nelson Rodrigues, por outro lado, tem sua obra dividida em peças míticas, psicológicas e tragédias cariocas. *O beijo no asfalto* se encaixa nessa última categoria.

---

<sup>1</sup> Aluno do 6º período do curso de Letras – Português e Inglês da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2015-2016). *E-mail*: leo\_busato@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutorando em Educação pela Universidade São Francisco. Professor e Coordenador do Curso de Letras – Português e Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: rogerio.tomaz@fae.edu

Cabe a este trabalho analisar as características que as protagonistas masculinas das duas peças têm e que as transformam em heróis dramáticos, além de estabelecer similitudes e disparidades entre as duas obras dadas as distinções entre os períodos em que foram escritas e encenadas. Para tal, busca-se perceber o contexto histórico em que cada peça se insere, conceituar o gênero tragédia e o termo literário “herói”, caracterizar as personagens Hamlet e Arandir nos planos psicológico e espacial para enfim estabelecer as comparações e diferenças.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para conceituar o termo “herói”, deve-se voltar aos estudos de antiguidade clássica, dando especial atenção aos gregos. “Herói”, em grego, significa “aquele que protege, guarda”. Partindo dessa definição, Leite (2001, p. 44) afirma que “o grande motivo para se forjar um herói é servir a uma comunidade”. Não há herói sem serviço ou sem comunidade que o escolhe para realizar trabalhos que possam trazer benefícios a ela.

Não há herói se não há problema. A sociedade só cria um herói para que a tire de suas dificuldades. Para receber o título de “herói”, é necessária a passagem por três fases que atribuirão as características e os atributos da figura heroica, são elas: separação, iniciação e retorno.

[...] o herói para ser iniciado deve ser chamado. Nenhum herói delibera por si só sua iniciação nem sua jornada. Tudo que advirá está reservado ao âmbito do mistério. Ele não sabe que será chamado. Normalmente há uma recusa imperiosa nesse momento do chamado. Há atitudes de revolta, de rejeição ao chamado e até de fuga para não iniciar as etapas da jornada. Mas o herói, mesmo que fuja, um dia terá de se submeter ao chamado e à iniciação. Poderá ocorrer até que a iniciação se processe sem ele ter consciência. Somente após algum tempo é que ele vai perceber que foi tragado pelo mistério e pelos ritos iniciáticos. Nesse momento, o caminho será sem retorno. Não se pode voltar atrás quando se está no processo de iniciação. O perigo e a vulnerabilidade colocariam o herói em risco de vida (LEITE, 2001, p. 45).

Segundo Patrice Pavis (2008), na obra *Dicionário de teatro*, o herói é um personagem dotado de poderes fora do comum, com faculdades que extrapolam os parâmetros da normalidade. Ainda sob a luz desse teórico, o herói clássico constitui-se como um ser inacessível ou até mítico. Ele propõe três tipos: épico, dramático e trágico. O autor apresenta, também, a caracterização do “herói contemporâneo”, o qual não possui força de agir sobre os acontecimentos, cedendo lugar à massa, organizada ou amorfa (PAVIS, 2008, p. 193-194).

Aqui se faz necessária a referência aos gregos para compreensão do conceito de **tragédia**. Diferentemente da comédia, esta é uma peça de caráter elevado. Para Aristóteles:

A tragédia é a imitação de uma ação importante e completa, de certa extensão; num estilo tornado agradável pelo emprego separado de cada uma de suas formas, segundo as partes; ação apresentada não com a ajuda de uma narrativa, mas por atores, e que, suscitando a compaixão e o terror, tem por efeito obter a purgação dessas emoções (ARISTÓTELES apud VASCONCELLOS, 2010, p. 252).

Pavis (2008, p. 415) a vê como uma representação funesta, muitas vezes com desfecho na morte. Observa-se que o conceito de tragédia perdura desde os tempos do teatro clássico. A respeito da evolução do sentido trágico, Vasconcellos (2010, p. 253) afirma:

[...] a base sobre a qual evoluiu o sentido trágico, em qualquer época ou cultura, finalmente, pode ser definida como a consciência da atitude íntegra e corajosa do homem diante da derrota causada pela própria limitação diante das forças que lhe são superiores.

## 2 METODOLOGIA

Inserida numa abordagem qualitativa, partindo de uma pesquisa bibliográfica e documental, este Projeto de Iniciação Científica buscou analisar a figura do herói dramático em duas peças teatrais, *Hamlet*, de William Shakespeare, e *O beijo no asfalto*, de Nelson Rodrigues, escritas e encenadas em períodos distintos, estabelecendo as analogias e os contrapontos. Os elementos sociais e históricos, necessários à compreensão do ambiente que influenciou os dramaturgos desta pesquisa, foram reconstruídos com base nos estudos de Claude Mourthé (2007) e Massaud Moisés (1987). A conceituação do gênero dramático tragédia e as variantes decorrentes do termo foram observadas, por sua vez, em Luiz Paulo Vasconcellos (2010) e Patrice Pavis (2008). A problemática apresentou o diálogo passado-presente procurando a formulação de novos significados e interpretações.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira vista, percebe-se que há, tanto em *Hamlet*, como em *Arandir*, um intento não compreendido pelas outras personagens das obras. Em *Hamlet*, há a vingança; a personagem-título quer vingar o assassinato do pai e para isso forja diversos planos,

até fingir-se de louco. Em *O beijo no asfalto*, Arandir beija um homem desconhecido que está prestes a morrer no meio da rua, sem se dar conta das pessoas que por ali passavam e como elas reagiriam ao ato.

Sendo a tragédia o gênero de caráter humano elevado, fica evidente o fato de o conceito de herói estar ligado a ela.

Assim como ocorre com o estudo do trágico, em que os teóricos da área retomam as ideias aristotélicas, a definição do conceito de herói também se deve voltar aos estudos da antiguidade clássica. Como forma de ilustrar a questão, destaca-se Lourenço Leite (2001), autor do livro *Do simbólico ao racional: ensaio sobre a gênese da mitologia grega como introdução à filosofia*. Segundo o autor, o herói era escolhido pela comunidade com o propósito de servi-la e protegê-la. O escolhido deveria passar por uma série de ritos para atingir a glorificação heroica.

Leite (2001) afirma, ainda, que a personagem Hamlet poderia ser considerada como um anti-herói com traços modernos, já que segue os instintos subjetivos, a própria vontade. Pavis (2008), por outro lado, divide o herói clássico em três subdivisões: herói épico, trágico e dramático, podendo classificar Hamlet como um herói trágico, já que “concentra em si uma paixão e um desejo que lhe serão fatais” (PAVIS, 2008, p. 193). Há aqui um entrave, a personagem pode ser tanto um anti-herói como um herói trágico. Leite (2001) aponta que a subjetividade e a paixão individual de Hamlet seriam um prenúncio de características presentes na modernidade.

Em relação a Arandir, personagem de *O beijo no asfalto*, também não caberia a conceituação clássica de herói. Poderia haver, portanto, um herói contemporâneo. Pavis (2008, p. 194), afirma que esse herói “não tem mais a força de agir sobre os acontecimentos, não possui mais ponto de vista sobre a realidade”. Arandir perde todas as forças de ação, percebe-se isolado, pois todos passam a duvidar dele e de suas reais motivações. Ele se sente tão impossibilitado que pensa em dar cabo da própria vida. Nesse caso, ele não é mais um herói que não pode agir sobre o que acontece, torna-se vítima de uma trama que tem por objetivo a promoção do repórter e do delegado que criam uma série de falsas acusações. O beijo no moribundo foi apenas um trampolim para os boatos que culminaram na dissolução da personagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo comparativo de duas obras escritas em épocas diferentes é sempre um desafio. *Hamlet* foi escrita no século XVII, enquanto *O beijo no asfalto*, no século XX. Partindo do princípio que o herói é um ser dotado de qualidades fora do comum, é difícil situar as duas personagens nesse conceito. Há muito de humano em ambas. À medida que Hamlet busca vingar a morte do pai fazendo diversas artimanhas para tal, Arandir vê-se cercado de acusações e provas forjadas ao redor de um ato simples e sem malícia. As características mundanas os aproximam, apesar dos diferentes contextos históricos e sociais. As duas personagens apropriam-se de qualidades terrenas, aproximando-os dos espectadores. Apesar de ter sido escrita no século XVII, é notável como Shakespeare conseguiu construir as características de Hamlet, apontando elementos de períodos que ainda estariam por vir. Nelson Rodrigues consegue retratar fielmente o carioca do subúrbio, que se torna um espelho para a sociedade nas obras do dramaturgo.

## REFERÊNCIAS

- CASTRO, R. **O anjo pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FRAGA, E. **Nelson Rodrigues expressionista**. São Paulo: Ateliê, 1998.
- FERREIRA, S. O beijo no asfalto e as estruturas de apelo. **Ensiqlopédia**, Osório, v. 10, p. 65-82, out. 2010.
- GUIDARINI, M. **Nelson Rodrigues**: flor de obsessão. Florianópolis: Editora da UFSC, 1990.
- HELIODORA, B. **Falando de Shakespeare**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Por que ler Shakespeare?** São Paulo: Globo, 2008.
- JULIEN, N. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Rideel, 1993.
- KELLNER, D. **A cultura da mídia**: estudos culturais; identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.
- LACERDA, R. **Hamlet ou Amleto?** Shakespeare para jovens curiosos e adultos preguiçosos. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- LEITE, L. **Do simbólico ao racional**: ensaio sobre a gênese da mitologia grega como introdução à filosofia. Salvador: EGBA, 2001.
- MAGALDI, S. **Moderna dramaturgia brasileira**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Nelson Rodrigues**: dramaturgias e encenações. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Teatro da obsessão**: Nelson Rodrigues. São Paulo: Global, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Teatro sempre**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- MOISÉS, M. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 1987.
- MOURTHÉ, C. **Shakespeare**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- PAVIS, P. **Dicionário de teatro**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- POLIDÓRIO, V. Análise de algumas características da personagem Hamlet da peça homônima de William Shakespeare. **Entrelinhas**, v. 6, n. 2, p. 250-258, 2013.
- PRADO, D. de A. **Teatro brasileiro moderno**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- PROENÇA FILHO, D. **A linguagem literária**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- QUARESMA, J. F. O beijo no asfalto: linguagem, personagens, gênero. **Terra roxa e outras terras**: Revista de Estudos Literários, v. 14, p. 56-65, dez. 2008.
- RODRIGUES, N. **O beijo no asfalto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- SHAKESPEARE, W. **Hamlet**; **Macbeth**. Trad. de Hamlet: Anna Amélia Carneiro de Mendonça; trad. de Macbeth: Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- VASCONCELOS, L. P. **Dicionário de teatro**. Porto Alegre: L&PM, 2010.